

CARLOS J. PESSOA

À PROCURA DE
**JÚLIO
CÉSAR**

CARLOS J. PESSOA

À PROCURA DE
**JÚLIO
CÉSAR**

TÍTULO **À PROCURA DE JÚLIO CÉSAR**
CRIAÇÃO 43

ESTREIA **20 DE ABRIL 2006 | 21H30 | TEATRO TABORDA** COSTA DO CASTELO, Nº 75 | 1100 - 178 | LISBOA
CO-PRODUÇÃO **TEATRO DA GARAGEM/TEATRO DOS ALOÉS**

TEXTO, ENCENAÇÃO E CONCEPÇÃO PLÁSTICA **CARLOS J. PESSOA**

DRAMATURGIA E TRADUÇÃO **DAVID ANTUNES**

MÚSICA (COMPOSIÇÃO E INTERPRETAÇÃO) **DANIEL CERVANTES**

CENOGRAFIA E FIGURINOS **SÉRGIO LOUREIRO**

INTERPRETAÇÃO **ANA PALMA, CARLA CARREIRO MENDES, DIANA COSTA E SILVA, ELSA VALENTIM,**
FERNANDO NOBRE, JORGE SILVA, JOSÉ PEIXOTO, LEONOR CABRAL, LUÍS BARROS, MIGUEL MENDES,
TIAGO MATEUS E VITOR D'ANDRADE

DESENHO DE LUZ **MIGUEL CRUZ**

TÉCNICO DE PALCO E OPERADOR DE LUZ **JOSÉ NUNO SILVA**

OPERADOR DE SOM **JOÃO CARMO**

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO **ELSA VALENTIM E MARIA JOÃO VICENTE**

PRODUÇÃO **BRUNO COELHO E GISLAINE PEIXOTO**

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO **IRIA MENUT**

DESIGN GRÁFICO **PAULA CARDOSO**

FOTOGRAFIA **RODRIGO DUARTE**

ESTAGIÁRIA **ANTONELA SILVA E ALEXANDRA VIEGAS**

APOIOS **CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, EGEAC**

TEATRO DA GARAGEM COMPANHIA FINANCIADA PELO MINISTÉRIO DA CULTURA/INSTITUTO DAS ARTES

PERSONAGENS (POR ORDEM DE ENTRADA)

PÁG. 7 | PARTE
**FALAS DE JÚLIO CÉSAR DE WILLIAM SHAKESPEARE
- UMA INSTALAÇÃO**

JÚLIO CÉSAR | MIGUEL MENDES

CÁSSIO | LUÍS BARROS

ADIVINHO | FERNANDO NOBRE

HOMEM MORTO | TIAGO MATEUS

MULHERES | ANA PALMA | CARLA CARREIRO MENDES |

DIANA COSTA E SILVA | ELSA VALENTIM

BRUTO | VITOR D'ANDRADE

MARCO ANTÓNIO | JORGE SILVA

JOÃO JOSÉ | JOSÉ PEIXOTO

PÁG. 12 | II PARTE
UMA COMÉDIA LÍRICA

JOÃO JOSÉ | JOSÉ PEIXOTO

COSTUREIRA | ELSA VALENTIM

VENDEDORA | DIANA COSTA E SILVA

INFORMADOR | LUÍS BARROS

INFORMADORA | CARLA CARREIRO MENDES

SENHOR ARANHIÇO | VITOR D'ANDRADE

MARILYN | ANA PALMA

PAI NATAL | FERNANDO NOBRE

COLUMBINA | LEONOR CABRAL

MARCO ANTÓNIO | JORGE SILVA

JÚLIO CÉSAR | MIGUEL MENDES

ZORRO | TIAGO MATEUS

FALAS DE JÚLIO CÉSAR DE WILLIAM SHAKESPEARE

- UMA INSTALAÇÃO

(Os actores olham através das janelas. Abrem as janelas e escutam o barulho da cidade. Som de vidros partidos. Fecham-se as janelas.)

JÚLIO CÉSAR Os cobardes morrem muitas vezes antes da sua morte,
o homem corajoso não saboreia a morte senão uma vez.

De todas as maravilhas que já tenho visto,
a que mais estranha me parece é que os homens temam,
sabendo que a morte, um fim necessário,
virá quando deva vir.

(Júlio César sai. O Adivinho atravessa a sala a correr.)

CÁSSIO (Aproximando-se de Bruto.)

Nasci livre como César, tu também,
como ele, ambos nos alimentámos,
e, como ele, ambos podemos suportar o frio do Inverno.
Uma vez, num dia agreste e frio,
com o Tibre irado, roçando as margens,
César disse-me: “Cássio, atreves-te, agora, comigo
a saltar para esta corrente furiosa
E a nadar até àquele ponto?” A estas palavras
e tal como estava, mergulhei e incitei-o a seguir-me,
o que de facto fez. A corrente rugia
e, com músculos ansiosos, lutámos com ela, fendendo-a,
abrindo caminho com corações adversos.

Mas, antes que pudéssemos chegar ao ponto acordado
César gritou: “Ajuda-me, Cássio, ou afogo-me!”
Como Eneias, o nosso grande antepassado,
que, das chamas de Tróia, retirou aos ombros
o velho Anquises, assim eu, das ondas do Tibre,
salvei César, e este homem tornou-se agora um deus,
e Cássio uma criatura miserável, que curva o seu corpo
se César descuidadamente lhe acena.
Quando estive na Espanha, teve uma febre
e, quando se deu o ataque, eu vi
como ele tremia. É verdade, este deus tremia!
Dos seus lábios cobardes fugiu a cor,
e aqueles mesmos olhos, cujo movimento espanta o mundo,
perderam o brilho. Ouvi-o gemer,
sim, e essa voz, que comanda aos romanos
que a escutem, e em seus livros escrevam seus discursos,
“Ó deuses,” - gritava - “dá-me de beber, Titínio”,
como uma rapariga doente. Ó deuses, admira-me
que um homem, com um temperamento tão frágil,
seja o primeiro deste majestoso mundo
e sozinho leve a palma.

(Bruto aproxima-se do local onde estive Júlio César.
As mulheres mancham os vidros de sangue.
As raparigas arrastam o Homem Morto.
e colocam-no à frente de Bruto.)

BRUTO Romanos, concidadãos, amigos, ouvi-me pela minha causa e conservai o silêncio, para que possais ouvir. Crede-me pela minha honra e respeitai-a, para que possais acreditar. Julgai-me pela vossa sabedoria e acordai os vossos sentidos, para que melhor possais julgar. Se há alguém nesta assembleia, alguém que

fosse um amigo querido de César, a esse eu digo que o amor de Bruto por César não era menor que o seu. Se então esse amigo perguntar porque se revoltou Bruto contra César, eis a minha resposta: não que eu amasse menos César, mas o meu amor por Roma era maior. Preferíeis vós que César vivesse e todos morrêssemos como escravos, ou que César esteja morto para que todos vivamos homens livres? Porque César me amou, eu choro por ele, porque afortunado foi, eu congratulo-me com isso; porque valente, honras lhe presto; mas porque foi ambicioso, matei-o. Lágrimas, pelo seu amor; alegria, pela sua fortuna; honra, pelo seu valor; e morte, pela sua ambição. Quem aqui há tão vil, que queira ser escravo? Se alguém, que fale, porque a esse ofendi. Quem aqui há tão rude, que não queira ser Romano? Se alguém, que fale, porque a esse ofendi. Quem aqui há tão indigno, que não ame a sua pátria? Se alguém, que fale, porque a esse ofendi.

Então, não ofendi ninguém. Nada fiz a César, que não tivésseis feito a Bruto. A causa da sua morte está inscrita no Capitólio: nem a sua glória é diminuída, naquilo de que é merecedor, nem as suas ofensas, pelas quais sofreu a morte, agravadas.

Aqui vem o seu corpo, chorado por Marco António. Não tendo a sua mão participado na morte, dela receberá benefício, um lugar na República, como cada um de vós. Com isto me retiro: tal como matei o meu melhor amigo, pelo bem de Roma, assim reservo para mim próprio o mesmo punhal, no caso de agradar à minha pátria a necessidade da minha morte.

MARCO ANTÓNIO

Amigos, Romanos, concidadãos, prestai-me atenção:
venho para sepultar César, não para o louvar.

O mal que os homens fazem vive depois deles,
o bem é muitas vezes enterrado com os seus ossos.

Que assim seja com César. O nobre Bruto
disse-vos que César era ambicioso.

Se assim foi, era uma falta grave,
e, severamente, César respondeu por ela.